

Toda discussão sobre a ficção contemporâneas volta-se para o passado, uma vez que “a contemporaneidade se [inscreve] no presente assinalando-o como arcaico, e somente quem percebe no mais moderno e recente os índices e as assinaturas do arcaico pode dele ser contemporâneo”<sup>1</sup>. Dessa maneira, é impossível tratar da literatura contemporânea sem levar em consideração a tradição, as obras escritas em outros séculos, em outras épocas e as relações que elas mantêm entre si. Falar do que é atual é também discutir e trazer à tona o passado, é estabelecer relações, extrair inferências, uma vez que o passado ilumina o presente e vice-versa.

A literatura, conforme postula Leyla Perrone-Moisés, em *Flores da escrivainha*<sup>2</sup>, se produz num constante diálogo de textos, por retomadas, empréstimos e trocas. Ainda seguindo o pensamento dessa estudiosa, a literatura nasce da literatura e cada obra nova é continuação, por consentimento ou contestação, das obras anteriores e o ato da escrita dialoga com a literatura anterior e com a contemporânea. Assim, estudar criticamente obras literárias é pôr em relevo o diálogo permanente que se observa entre passado e presente, entre tradição e contemporaneidade, que conforma e revitaliza o vasto campo das produções ficcionais.

---

<sup>1</sup> AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009, p. 69

<sup>2</sup> PERRONE-MOISÉS, Leila. *Flores da escrivainha* São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 102

Partindo das premissas acima, o dossiê “Ficções do contemporâneo: intertextos e diálogos entre literaturas” acolhe dezessete artigos que abrangem estudos sobre romances, contos, textos de cordel, poesias, evidenciando aspectos intertextuais e também inter-relações com outras áreas do saber como a filosofia, o jornalismo, a religião, a história etc.

No primeiro artigo, “Manuscrito de Buenos Aires’, de Francisco José Viegas: uma investigação literária”, Adenize Franco e Aline Venturini, partindo dos elementos próprios do gênero policial e da ficção contemporânea, tomam como foco de análise um conto e empreendem um acurado estudo que abrange não só o policial, mas também a intertextualidade com Jorge Luiz Borges e Miguel de Cervantes e a própria literatura por meio de estratégias metaficcionalis.

O próximo artigo, “Contra o despertador e a colherinha: um livro e um sonho”, de Fabiana Miraz de Freitas Grecco, salienta a aproximação entre dois contos: “Uma simples flor nos teus cabelos claros”, do português José Cardoso Pires e “Olhos de cão azul”, do colombiano Gabriel García Márquez por intermédio de duas realidades, uma tangível, concreta, e a outra, abstrata, intangível – livro e sonho, que se transformam em dois instrumentos que operam nas narrativas com o objetivo de expurgar a realidade comum, ordinária e arbitrária do sujeito, realçando o sentimento, o amor.

Fernanda Ferrari Zrzebiela, em “Morre o boi: vestígios do trágico em Drummond de *Boitempo*”, propõe um estudo sobre dois poemas: “Destruição” e “O belo boi de Cantagalo”, ambos de Carlos Drummond de Andrade, ressaltando a evocação do boi e sua relação com a morte. Desse modo, articula-se o motivo do animal não só como referência direta à economia, mas também em relação ao seu aspecto trágico como um elemento destinado à degradação e à sobrevivência, que se afirma pela transformação ou alteração de estados dentro dos textos poéticos analisados.

Por sua vez, Fernando Teixeira Luiz, em “Literatura, cinema e mercado, um estudo acerca da tipologia de heróis inscrita na produção cultural contemporânea”, procura rastrear, a partir de um olhar historicista e pautado no percurso de personagens protagonistas

de obras direcionadas para o público jovem, em diferentes textos e contextos, as múltiplas faces do herói contemporâneo diante dos diversos interesses do mercado.

Em “O popular na poesia de Drummond: conversas poéticas ao pé da prensa”, Francisco Cláudio Alves Marques e Carla Kühlewein aproximam dois textos poéticos, “Estória de João-Joana”, obra cordelística de Leandro Gomes de Barros e “Caso do vestido”, de Carlos Drummond de Andrade, com o intuito de estudar detalhadamente essas duas composições e ressaltar a maneira como o popular se manifesta na poesia de Drummond.

Com “Alcolea del Campo x Madrid: Andrés Hurtado e o espaço social na obra *El árbol de la ciencia* de Pío Baroja”, Gustavo Costa tenciona comparar e contrastar o espaço urbano da capital Madrid com o espaço rural de Alcolea del Campo por meio do livro de Baroja e seu protagonista, de modo a enfatizar a dicotomia campo e cidade, que proporciona, respectivamente, prazer e monotonia, alegria e descontentamento.

Heloisa Juncklaus Preis Moraes, Lucas Pereira Damázio e Reginaldo Osnildo são os autores do artigo “As águas turvas, uma narrativa sombria e as imagens do pecado: o pântano do jogo *Magic: The Gathering*”, no qual estabelecem uma relação simbólica entre os encantamentos e criaturas míticas do jogo e os conceitos do imaginário, a partir das teorias de Gaston Bachelard, pondo em relevo a forma como o imaginário das águas escuras é configurado, evocado e materializado na construção da narrativa e da atmosfera que se verifica no jogo e que permite identificar também os sete pecados capitais como evocadores de sentido.

Dois artigos tomam a obra *Jerusalém*, de Gonçalo M. Tavares como foco de análise. No primeiro, “Silêncios e vazios em *Jerusalém*: relações intertextuais”, de Ibrahim Alissom Yamakawa e Luzia Aparecida Berloffá Tofalini, seus autores procuram estabelecer relações intertextuais entre a obra mencionada e discursos filosóficos, sociológicos e religiosos, as quais se manifestam de forma explícita ou veladamente. Os silêncios que perpassam *Jerusalém* são potencializados e desvelam o diálogo com diferentes discursos, variados escritos e escritores. No segundo artigo, “A primazia do silêncio: *Jerusalém* de Gonçalo M. Tavares”, Luzia Aparecida Berloffá Tofalini realiza uma reflexão acerca dos silêncios presentes no

texto artístico, destacando que há silêncios positivos e negativos e o fato de se evidenciá-los, colabora para a compreensão do romance como um todo.

Marcos Roberto de Santana, com seu estudo “Cordel de memórias de Francisco Catarino: verdadeiro grapiúna”, objetiva dar visibilidade ao relato e ao seu autor, o baiano Francisco Catarino, que se identificava como “verdadeiro grapiúna”, servindo essa autoafirmação como um fio condutor para a escrita do artigo em diálogo com outras vozes literárias que se circunscrevem à região sul da Bahia.

Na sequência, surge uma reflexão a respeito de literatura e exílio, que se pauta nos textos “Literatura e desterro”, do escritor paraibano José Lins do Rego e “Emigración intelectual, drama del presente”, do espanhol Guillermo de Torre, no artigo que tem o título de “Sobre literatura e exílio ou uma visita a um poeta desterrado”, de autoria de Mayra Moreyra Carvalho.

Em “A dança da leveza em Marcelino Freire”, Natalia Guerra Brisola Gomes-Godoi e Luciana Brito têm o propósito de frisar que, embora a literatura brasileira contemporânea caracterize-se por ser forte, densa, violenta, há pontos de leveza que se manifestam na nossa produção nacional e abalizam essa constatação por intermédio da análise do conto “Balé”, de Marcelino Freire, texto que dialoga como a obra *O barão nas árvores*, de Italo Calvino.

A estudiosa Rosana Cristina Zanelatto Santos assina o artigo intitulado “*Animalescos*, o bestiário contemporâneo de Gonçalo M. Tavares”. Nele, a referida autora demonstra que a obra *Animalescos* agrega-se ao gênero denominado bestiário, surgido na Idade Média, e que ganha novos contornos com o passar dos tempos. Além disso, o artigo deixa patente que há um fio temático que se manifesta pela perversidade e alinhava as narrativas que se estruturam sobre as relações entre homens, animais, cidades, máquinas, neuroses, violência e morte.

No artigo “Vilão e além: Satanás em *Paradise Lost*”, Sérgio Henrique Rocha Batista busca frisar as formas como o personagem Satanás se manifesta na literatura ocidental moderna, analisando uma de suas mais importantes aparições que se encontra na obra *Paradise*

*Lost*, de John Milton e destacando o fato de que ele é um anti-herói, que se constrói pelo viés da sedução e da eloquência e servirá de modelo para outros textos literários, principalmente a partir do Romantismo.

O trabalho de Talita Annunciato Rodrigues, “Notas da linha de frente: Angela Carter e a escrita jornalística”, debruça-se sobre a produção jornalística da referida romancista inglesa, com o intuito de comprovar que tal produção pode contribuir para a análise de seus romances e contos, estabelecendo um vínculo bastante profícuo entre ficção e o contexto de criação de suas obras.

O penúltimo artigo do dossiê traz outro estudo voltado para o gênero romanesco. Em “Do revisitar ao recriar a história nacional: uma possível leitura de *A segunda pátria*, de Miguel Sanches Neto”, Thiana Nunes Cella analisa o romance em epígrafe sob uma perspectiva comparatista na qual examina as relações entre discurso histórico e ficcional, salientando que a ficção contemporânea mantém uma relação solidária e complementar com o discurso histórico, ao problematizar sua representação e questionar as verdades da história hegemônica.

Fechando o dossiê, a relação entre literatura e psicologia é contemplada no artigo “O enfermeiro” de Machado de Assis: um embate entre a essência e a aparência em conversas com a psicologia”, de Virginia Silveira Baldow, Roberta Bolzan Jauris e Fabiana Andrade Santos. As autoras realizam a leitura comparativa de “O enfermeiro” com o capítulo “O almocreve”, do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, sublinhando o tom irônico que os narradores empregam para atrair a cumplicidade do leitor e a maneira como Machado concebe o comportamento humano por meio de seus narradores-personagens.

Agradecemos a todos aqueles que se interessaram pela temática do dossiê proposto e enviaram seus artigos para publicação. Em suma, esperamos que esse novo número da revista *Fólio* possa contribuir com estudiosos e pesquisadores que se dediquem aos estudos de obras contemporâneas que mantem nexos com a tradição e no presente, tecem e retecem temas do passado, possibilitando novas interpretações e novas formas de reexaminar o passado à luz do presente reciprocamente, comprovando que a literatura nunca vai

morrer porque ela é, sempre, diálogo, retomada, reescrita, que revitaliza e irriga os rios por onde correm todos os textos literários do presente, do passado e do futuro.

*Altamir Botoso – UEMS*

*Wellington Furtado Ramos – UFMS*